

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

A FOTOGRAFIA COMO REGISTRO DA ARTE CONTEMPORÂNEA.

Jefferson Dias de Lima¹

Resumo:

A fotografia é uma linguagem visual que teve uma parceria com a arte contemporânea de forma não oficial no início de sua história. É possível atribuir aos avanços tecnológicos pós revolução industrial, inclusive a invenção da fotografia como um catalizador das inovações artísticas no final do séc. XIX e início do XX. O caráter de registro de cenas reais da linguagem fotográfica foi utilizado em apoio as obras de arte contemporânea ainda sem ser aceita como uma obra de expressão autônoma dessa categoria artística. Apenas nos anos 70 do século passado que a linguagem fotográfica foi aceita como expressão artística e assim ser incluída no universo das artes como linguagem autônoma. Apesar de ter servido de apoio desde as primeiras obras de arte contemporâneas de Marcel Duchamp e Jackson Pollock.

Palavras-chave: Comunicação. Fotografia. Arte contemporânea. História da arte contemporânea. Fotografia de arte.

Texto

Podemos considerar que a revolução industrial, seus mecanismos de automatização de movimentos antes manuais, foi o início de uma nova era do conhecimento humano. “Uma forte aceleração da vida cotidiana e cultural, uma transformação nos modos de produção e um aumento sem precedentes das trocas, dentro de um vasto processo de industrialização, de urbanização e de generalização da economia de mercado. ” “Rouillé, 2009, p. 29” A observação de Rouillé nos indica que a transformação que se dava na sociedade era tamanha, tão grande que todas as áreas do conhecimento humano foram atingidas. Também as artes.

¹Mestrando em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, na linha de pesquisa “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”. Bacharel em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. E-mail: jeferson.dl@gmail.com

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

A velocidade dos motores, a iluminação elétrica, a comunicação via rádio e finalmente a fotografia transformaram a sociedade, seu cotidiano e sua forma de ver o mundo.

A câmera escura é um mecanismo muito antigo e simples, com resultados curiosos e funcionais. Imagine estar dentro de um cubo, como um quarto, onde há um único pequeno orifício em uma das paredes desse ambiente que permite a passagem da luz do ambiente externo para dentro dessa câmera escura. A luz é projetada para a parede do lado oposto à do orifício e caso essa parede seja branca e a luz intensa ao entrar, será possível ver a imagem que está em frente ao orifício, do lado externo, ser projetada ao vivo dentro da câmera escura, de cabeça para baixo e também com os lados invertidos.

Existem registros do mecanismo da câmera escura desde Aristóteles. Leonardo Da Vinci, na sua coleção de documentos denominada Codex Atlanticus, escrito entre 1478 e 1519 descreve que “Quando as imagens dos objetos iluminados penetram num compartimento escuro através de um pequeno orifício e se recebem sobre um papel branco situado a uma certa distância desse orifício, vêm-se no papel, os objetos invertidos com suas formas e cores próprias” (Em: <http://pt.slideshare.net/isisnogueira/histria-da-fotografia-pioneiros-e-suas-contribuies-6120353>). Acesso em: 01 de julho de 2016.), uma espécie de fotografia arcaica.

Esse artifício que foi usado por alguns artistas e cientistas é o princípio da fotografia moderna, que desenvolveu a forma de fixar a imagem projetada dentro da câmera escura e teve sua descoberta, publicada na França em 1839.

Assim como a sociedade se transformou com revolução industrial, as artes visuais se transformaram com o surgimento da fotografia. Artistas Pintores do séc XIX buscavam um realismo nas cenas pintadas viram suas técnicas serem vencidas pela realidade oferecida pela fotografia e assim novas maneiras de pintar surgiram, o impressionismo e o expressionismo são duas categorias de pintura que tiveram seu surgimento após e apoiadas pela invenção da fotografia. O impressionismo (a busca da impressão das cenas com a utilização de cores) e o expressionismo (exploração da expressão dos movimentos das mãos ao pintar que deixam seus registros na tinta) surgiram pós invenção da fotografia.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

O expressionismo e impressionismo foram os dois últimos movimentos artísticos da arte moderna, antecessores ao surgimento da grande ruptura, a arte contemporânea.

O surgimento da arte contemporânea e seu apoio fotográfico.

Podemos abstrair e considerar que a arte moderna acompanhava a classe burguesa em passeios a charrete. Isso enquanto a máquina a vapor se movimenta ao transformar o estado físico da água, assim como a arte contemporânea se abre a materialidade e experimentação como construtores de uma nova linguagem poética. Uma linguagem que deriva de um novo mundo industrializado, mais veloz não só na comunicação, mas numa aceleração do que consideramos como economia da globalização.

Se considera a obra "A fonte" de Marcel Duchamp como inaugural da linguagem contemporânea. Em um momento onde a arte estava condicionada apenas a escultura, gravura e pintura (essa com importância expressiva entre as outras duas), Duchamp observa o designe industrial e imagina que uma peça de estética apreciável, fora do seu cenário de uso costume, pode ser apreciada não apenas pelo uso mas por suas características estéticas e assim ultrapassar a barreira da arte feita manualmente para a arte conceitual. A estética apreciada pelos observadores da arte, das pinceladas de certo artista, pode ser também apreciada em objetos industriais e no ato de um autor de deslocar esse objeto de seu uso cotidiano e colocá-lo no ambiente de fruição, um salão de arte.

Em 1917 o urinou de cerâmica branca, colocada em um pedestal em posição diferente da usual no banheiro, participou de um salão de arte na França e abriu caminho para arte contemporânea.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

É conveniente considerarmos que “A fonte” apesar de ser uma peça física, um objeto, funciona de forma artística além das suas características estéticas. Talvez a estética seja um ponto de partida para a escolha do objeto, mas a atitude de deslocar o objeto de seu uso cotidiano, colocar em um ambiente de arte, onde a atenção dos frequentadores está voltada a observação do belo, é um fator primordial para a criação de uma discussão nova, a discussão que coloca como objeto da arte, a indústria, o mundo veloz e inovador do início do século XX.

A obra é mais que a peça em si, todo o entorno e as tensões sociais aderem a fruição. Esse movimento está fora do alcance do artista, que se coloca como um agente de criação. “No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, decisões que também não podem e não devem ser totalmente conscientes, pelo menos no plano estético” “MARCEL DUCHAMP, o Ato criador, Trabalho apresentado à convenção da Federação Americana de Artes, em Houston, Texas, 1957.”

O próprio Duchamp expõe o controle limitado do artista na estética final da obra. E podemos considerar a reprodução fotográfica da peça como um desses fatores.

Assim como a pintura Monalisa do já citado Leonardo da Vinci, “A Fonte” de Duchamp tem um lugar de destaque no pensamento dos interessados por arte, no entanto a Monalisa está no Museu do Louvre, é uma pintura muito visitada e que frequentemente as pessoas se impressionam em ver que uma pintura tão famosa é de dimensão pequena (talvez, comparada ao tamanho que ela ocupa no nosso imaginário), já “A Fonte” não tem a mesma atenção com relação ao objeto original, aquele de 1917.

O conceito da obra extrapola o próprio objeto e a observação das numerosas fotos que foram divulgadas em diversas publicações sobre “A Fonte” são tantas, que considero entrar nas decisões subjetivas que estão fora do controle do artista, como o próprio Duchamp apontou no texto “O Ato Criador”.

Quando a obra é conceitual, efêmera, entre outros atributos, a fotografia como registro passa a ter uma posição muito importante na publicação e proliferação nos quatro cantos do

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

mundo, quadrado. No pensamento circular de integração e de distribuição de informação, a fotografia surge como um artifício de características funcionais muito atrativas e uso oportuno no mundo diverso e veloz que vivemos no cotidiano.

Portam-se como ações de efemeridade, que, por determinado período de tempo, exercem a função de nos instigar e questionar nosso papel social e a importância da arte para a vida como um todo. Nesse sentido, a fotografia pode ser utilizada para documentar tais ações e registrar o acontecimento cultivado nas manifestações de intervenção efêmera. (CAMARGO, I. A.; VIEIRA, C. C. A fotografia como registro do efêmero na arte urbana. A fotografia na academia: de formadora de imaginários coletivos a fonte de pesquisas/ Paulo César Boni (Org.). Londrina: Midiograf, 2015 p.135).

Podemos até visitar “A fonte” em algum lugar do mundo, mas essa visita não trará as características de suas fotografias em preto e branco antigas, é possível que o pedestal e a proteção contra vandalismo sejam modernos e traga um ar de contemporaneidade para a peça de cerâmica que em 2017 completará 100 anos de existência. A idade centenária pode ser absorvida em fotos, imagens antigas que trazem características do tempo passado.

“Desde que existe, a reportagem é uma das partes da fotografia que pretende restituir o objeto a ser fotografado – ou, pelo menos, compreendê-lo – e que afirma que seu conhecimento se torna possível quando ele é fotografado.” “Soulages, 2010, p. 31”

Essa afirmação define uma característica da fotografia que acompanhou a arte contemporânea no início da sua história. O fato da fotografia estar apta a ter como pretexto a captação de um objeto, de uma realidade, é que a faz acompanhar e dar apoio a nova categoria artística surgida no séc. XX. Servir como um artifício de reportagem, que poder captar cenas da realidade da produção artística contemporânea e assim levar um pouco mais de compreensão sobre trabalhos como o de Jackson Pollock.

Num momento onde a pintura está limitada a utilização de pincéis, uma nova forma de praticar a pintura é apresentada pelo Norte Americano, nascido em 1912, Jackson Pollock.

A chamada Action Paint (ou Drip Paintings) transcende a pintura para o momento da experimentação contemporânea assim como “A fonte” transcende a arte tridimensional do modernismo para a contemporaneidade.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

O próprio nome que deu título as formas pintadas por Pollock nos mostram que a pintura acontece em um momento de ação, da mão, do braço e até do corpo do artista. Toda essa ação sem o uso de instrumentos de contato com a tela, como o tradicional pincel. Pollock pinta telas grandes, com até 4 metros e as marcas que a tinta deixa na tela são diferentes, parecem derramadas.

Ainda hoje é curioso pensar no procedimento de produção desse artista, imaginem em meados do século XX. O artista pinta sem cavalete, as telas são estendidas no chão, ele não usa pinceis, mas cria seus instrumentos que geralmente são latas com furos no fundo onde despeja a tinta que escorre pelos furos enquanto se movimenta por cima da tela.

É um processo novo na pintura, marca a ruptura com o passado e abre espaço para novas experimentações, mas também gera a dúvida entre os entusiastas de como essa pintura é realizada e para sanar tal questionamento vem uma linguagem nova, tecnológica, capaz de reportar um acontecimento, fixa-lo em permanência tornando uma cena eterna e reproduzível para lugares e épocas distantes, a fotografia.

Em 1947 Pollock inicia as Action ou Drip Paintings, em agosto de 1949 um artigo sobre o artista foi publicado na revista Life e em outubro do mesmo ano uma exposição na Samuel Kootz Gallery em Nova York com o título The Intrasubjetives, contando com a participação de Pollock entre outros artistas, dá início ao movimento que ficou conhecido como Expressionismo abstrato.

O fato se dilui no instante em que é registrado: o fato é efêmero, sua memória, contudo, permanece – pela fotografia. São os documentos fotográficos que agora prevalecem: neles vemos algo que fisicamente não é tangível: é a dimensão da representação: uma experiência ambígua que envolve os receptores, pois, dependendo do objeto retratado, desliza entre a informação e a emoção. (Kossoy, 2007, p. 42).

De acordo com a sequência dos fatos que deram origem ao impressionismo abstrato, podemos considerar que o artigo sobre Pollock na revista Life foi fator determinante para que o processo de pintura, novo, experimental, feito pelo artista fosse assimilado pelo meio artístico. Através das fotos publicadas o processo de pintura foi compreendido pelos leitores (não só leitores de palavras, mas de imagens) e assim a fotografia, mais uma vez se apresenta como uma linguagem que dá apoio a arte contemporânea.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Quando observamos a fotografia como documento de obras de arte contemporânea efêmeras, as particularidades das diferenças entre reconhecer motivos e compreender imagens se tornam ainda mais extremas. A ponto de, ao ser fotografada, uma obra de arte se transformar da linguagem originária até a imagem de registro, ganhando novas significações. Perdendo certas particularidades da linguagem original e ganhando novas características que surgem das especificidades da linguagem fotográfica.

Em 1965 o artista alemão Joseph Beuys realiza uma performance na inauguração de uma exposição de pinturas e desenhos. Com o rosto coberto de mel e ouro, Beuys caminha pela exposição segurando uma lebre morta no colo, observando as obras expostas e explicando suas teorias da arte a lebre.

Beuys é um ativista, performer, defende que tudo e todos podem ser artistas, desde que se vejam como tal. Se formou em medicina, mas se alistou para a força aérea durante a segunda guerra mundial e foi piloto de avião de combate. É personagem de uma lenda onde se diz que sofreu um acidente de voo durante uma missão na Criméia, seu avião foi abatido, mas nosso amigo artista nazista foi salvo por uma tribo local e tratado por xamãs que trataram ferimentos no rosto com ervas, feltro e gordura, deixando uma grande cicatriz em seu rosto. A lenda do acidente é usada como inspiração para a obra citada acima, de título “Como explicar arte para uma lebre morta”.

O artista alemão de maior expressão na segunda metade do século XX é Joseph Beuys, a vida, lenda e atitudes desconcertantes marcam o artista que tem a obra citada como uma das principais de sua carreira.

Existe algo de curioso no que diz respeito a esse trabalho. Nos livros, aulas de arte, sempre ouvimos a descrição da performance. É um cara que coloca mel e ouro no rosto, carrega um animal morto nos braços explicando arte enquanto caminha por uma exposição. Mas as fotografias são o que restaram em imagens desse trabalho. As fotografias são as imagens que ilustram a performance nos livros de história de arte.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Dessa forma temos a ação performance, é o que consideramos a obra de arte. O que resta dessa ação e o que chega até nós hoje, algumas décadas depois, é a descrição textual e as fotografias.

A princípio podemos dizer que a leitura de uma imagem fotográfica é de fácil reconhecimento. A menos que seja uma fotografia expressiva, que passou a circular nos ambientes da arte contemporânea apenas nos anos 70, a fotografia de registro, documental tem a eficácia da compreensão de sua imagem questionada por Martine Joly.

"De certo existem, para a humanidade inteira, esquemas mentais e representativos universais, arquétipos ligados à experiência comum a todos os homens. No entanto, deduzir que a leitura da imagem é universal revela confusão e desconhecimento" (JOLY, 2006, p. 42).

A autora apresenta a ideia de que reconhecer um motivo na fotografia não significa compreendê-la. A ideia de uma linguagem universal é incompatível com as diferentes culturas e épocas vividas pela humanidade.

A performance de Beuys é divulgada a partir de algumas fotografias. Pouco menos de uma dezena. Apenas duas ou três dessas fotografias registram o momento onde o artista passeia pela exposição conversando com sua lebre morta, o que de fato foi a performance e como ela é descrita. A maior parte das imagens fotográficas da performance são de Beuys posando, como num retrato, algo bem diferente da descrição da performance. O que é compreensível já que o figurino é muito excêntrico e rico em detalhes enquanto a cena da performance em ação tira do alvo da fotografia a parte da frente do corpo do artista, que está de frente para as obras penduradas na parede da exposição. A bibliografia pesquisada fala exclusivamente sobre o trabalho de Beuys e apresenta uma única fotografia da performance em questão, o artista se apresenta no figurino descrito, com o rosto coberto, segurando um animal morto, no entanto sentado em uma cadeira encostada em uma parede, apesar de molduras com desenhos na parede, não há sinal de outras pessoas na cena ou algo que indique a abertura de uma exposição. Quando confronto a imagem descrita com as que conheço de Beuys em pé exercendo a performance consigo chegar à conclusão que Ute Klophaus, a fotógrafa, trabalhou registrando o figurino e o artista de perto num momento de

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

exclusividade, onde Beyus posa, olha para a câmera, fica sentado, enquanto as imagens do artista exercendo a performance são poucas e feitas de longe, sem apelo estético como as posadas. Esse momento de exclusividade entre o artista e a fotógrafa, que Beuys posa para a câmera, são as mais publicadas como divulgação da obra de performance em questão, isso demonstra que a imagem com apelo estético, que registra o figurino de perto é escolhida entre as que o artista de fato exerce a performance. A linguagem fotográfica é levada em conta não apenas como o registro da ação performática, mas como linguagem capaz de mostrar os detalhes do figurino, mesmo que a fotografia não mostre a performance e essa seja descrita de forma textual.

O depoimento de Duchamp em “o ato criador” levanta a posição de um artista que se abre aos caminhos incertos entre a ideia original e a conclusão do que vem a ser a obra de arte. Nele o urinol se apresenta como um objeto, que traz a ação de um artista por trás. Em Beuys uma ação com o corpo, que se coloca como linguagem a uma ideia que passa por uma performance, material e social, dentro do salão de arte. Hoje essas fotografias chegam até nós pela ideia do artista, o ato de um fotógrafo, a escolha de editores.

Enquanto os primeiros trabalhos de arte contemporânea, realizados por Marcel Duchamp e Jackson Pollock já são centenários, a fotografia tem apenas poucas décadas de aceitação como linguagem poética contemporânea autônoma, questões de mercado contemporâneo. Só a partir do final dos anos 70, início dos 80, que as imagens fotográficas foram inseridas como trabalhos de arte contemporânea no mercado. Vivendo e conhecendo a história do mundo contemporâneo, criação, arte, mercado, imagino os trabalhos realizados por fotógrafos expressivos que ficaram perdidos na história. Observo o caminho da fotografia na história da arte contemporânea e vejo objetos e ações que através de imagens fotográficas chegam até nós, de formas tão diversas quanto o mundo contemporâneo do motor, da eletricidade.

O primeiro tipo de relação que a fotografia pode estabelecer com uma outra arte decorre da cocriação. Isso não se faz sem dificuldades, levando-se em conta a própria cocriação e a história das relações existentes entre essas artes. De um lado, qualquer colaboração em geral é de fato potencialmente conflituosa, e em especial aquela que se dá

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

entre duas artes e entre dois artistas: será que há necessariamente dominação de uma arte sobre a outra, ou pode haver igualdade? Será uma reunião de duas obras ou a criação de algo novo? Por outro lado, uma arte pode ter sido reticente em relação a fotografia e até adversária dela; ora, esse passado continua marcando o presente. (SOULAGES, 2010, p.257).

Para a maioria dos artistas contemporâneos, que exploram em suas criações diferentes modalidades, provavelmente vale mais a ideia de sua obra em si do que o produto final de sua composição. Por este motivo, a grande maioria destes artistas não está `preocupada` com os caminhos e procedimentos artísticos que irão realizar para atingir seu objetivo. (CAMARGO, I. A.; VIEIRA, C. C. A fotografia como registro do efêmero na arte urbana. A fotografia na academia: de formadora de imaginárioscoletivos a fonte de pesquisas/ Paulo César Boni (Org.). Londrina: Midiograf, 2015 p.145).

A atitude de colocar uma ideia em prática, de forma a trabalhar as materialidades, transformando-as em linguagens poéticas nos coloca em um momento contemporâneo mesmo com o quase centenário Duchamp.

Quanto mais a ação é efêmera, tamanha será a importância do registro e também a importância das particularidades das linguagens de registro para a posteridade.

Referências

BONI, P. (Org.) **A fotografia na academia**. Londrina: Midiograf, 2015

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007

KOSSOY, B. **Realidades e Ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre o documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009

SOULAGES, F. **Estética da fotografia**